

“MACHO DISCRETO”:  
HETERONORMATIVIDADE, IDENTIDADES  
SILENCIADAS E REPRESENTAÇÕES  
(HOMOS)SEXUAIS NOS PERFIS DO  
APLICATIVO DE RELACIONAMENTOS  
GRINDR

4

“DISCREET MALE NOT AFFINED”:  
HETERONORMATIVITY, SILENT IDENTITIES  
AND (HOMOS)SEXUAL REPRESENTATIONS  
IN THE PROFILES OF THE GRINDR  
RELATIONSHIPS APPLICATION

**MELO, THIAGO BENITEZ DE**

MESTRADO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE PELA UNIOESTE  
DOUTORANDO EM SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS PELA UNIOESTE  
THIAGO\_BENITEZ@HOTMAIL.COM  
ORCID ID: 0000-0002-2474-6400

**PIRES-SANTOS, MARIA ELENA**

DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA PELA UNICAMP  
PROFESSORA TITULAR DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, CULTURA E  
FRONTEIRAS PELA UNIOESTE  
MEL.PIRES@HOTMAIL.COM  
ORCID ID: 0000-0002-1979-2090

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é compreender e averiguar como são construídas, por meio de discursos de autorrepresentação, as identidades dos usuários do aplicativo de relacionamentos Grindr, utilizado principalmente por homens gays (ou bissexuais), com a finalidade de marcar encontros. Busco, especificamente, analisar as representações (homos)sexuais que esses sujeitos fazem de si mesmos e do outro em seus perfis virtuais, averiguando o confronto entre a escolha de certas identidades e o silenciamento de outras através das estratégias de negociações identitárias. A escolha desse aplicativo se deu em razão ao seu intenso crescimento de usuários e pela expressiva popularidade que ele adquiriu nos últimos anos, visto que os sujeitos, caso queiram, podem disponibilizar fotografias e informações básicas sobre si para criarem um

tipo de “autoidentidade”. Para efetivo funcionamento, o Grindr opera segundo ferramentas de geolocalização, as quais fornecem a distância quase exata entre os sujeitos ali inseridos virtualmente, facilitando o encontro entre os mesmos. O percurso metodológico utilizado para a análise dos dados busca romper com as fronteiras e limites disciplinares, em direção a uma perspectiva inter/trans/indisciplinar. Amparo-me, para isso, nas perspectivas epistemológicas dos Estudos da Linguagem e da Teoria Crítica do Discurso, dos Estudos Culturais, Antropológicos e da Sociologia.

**Palavras-chave:** Identidades. Representações sexuais. Linguagem e discurso. Aplicativo Grindr.

### ABSTRACT

The purpose of this paper is to understand and ascertain how the identities of users of the Grindr dating application, mainly used by gay (or bisexual) men, are built through self-representation discourses, in order to set up meetings. Specifically, I seek to analyze the (homo) sexual representations that these subjects make of themselves and the other in their virtual profiles, investigating the confrontation between the choice of certain identities and the silencing of others through the strategies of identity negotiations. The choice of this application was due to its intense growth of users and the expressive popularity that it has acquired in recent years, as subjects, if they wish, can provide photographs and basic information about themselves to create a kind of “self-identity”. For effective operation, Grindr operates according to geolocation tools, which provide the almost exact distance between the subjects inserted there virtually, facilitating the encounter between them. The methodological approach used for data analysis seeks to break with disciplinary boundaries and boundaries towards an inter/trans/undisciplinary perspective. For this, I rely on the epistemological perspectives of Language Studies and Critical Discourse Theory, Cultural, Anthropological Studies and Sociology.

**Keywords:** Identities. Sexual representations. Language and speech. Grindr.

### LOGIN...

A contemporaneidade, nas últimas décadas, vem sendo marcada por inúmeras rotulações e designações que procuram dar conta de suas

intensas transformações: sociedade pós-moderna (HARVEY, 1993), modernidade reflexiva (LASH, 1997), modernidade líquida/fluída (BAUMAN, 2001), sociedade complexa (MORIN, 2005), modernidade tardia (HALL, 2006), sociedade superdiversa e multicultural (VERTOVEC, 2007) entre outras. No bojo dessas classificações, estão os indivíduos que formam os múltiplos grupos, comunidades e povos que, por sua vez, compõem e movimentam as sociedades, as quais passam por um intenso processo de re/des/configuração. Doravante, seria impossível vermos e analisarmos os sujeitos que vivem (n)este mundo contemporâneo sem considerarmos os constantes fluxos e fricções culturais, as quais ficaram mais próximas umas das outras com o profundo processo globalizatório do final do século XX.

As recorrentes transformações sociais, culturais e políticas, oriundas da liquidez e fluidez do atual momento histórico, impulsiona-nos a refletir sobre os sujeitos historicamente ativos – formados por relativos processos de subjetivação marcados por relações de poder, segundo Foucault (2002), que estão imersos nesse contexto. Ademais, essa era de instantaneidade (BAUMAN, 2001), nos permite averiguar e analisar quais e como são construídas, por meio das representações discursivas, as identidades dos sujeitos sociais imersos na contemporaneidade, refletir sobre suas implicações e seus atos nesses espaços multi/pluriculturais.

Concomitantemente a esse multiculturalismo, encontra-se um “mundo” (perdido em umas das esquinas dessas estradas da contemporaneidade) que parece se invisibilizar, quando não forçadamente silenciado: o mundo gay. Quebrar as fronteiras da heteronormatividade significa ameaçar a hegemonia masculina, e também a feminina, em detrimento de uma liberdade sexual e cultural. Esse rompimento com o normativo, no entanto, não se dá de forma harmônica e tão fluida como parece, já que aquilo que não é parâmetro de medida em nossa sociedade é tomado como vergonhoso, estranho, desviante e até mesmo perigoso (BECKER, 2008). Dessa forma, a segregação, a invisibilidade e a violência contra os sujeitos que atravessam as diversas fronteiras do corpo e da sexualidade parecem estar ligadas ao discurso heterossexista hegemônico. O intenso e complexo conflito entre o desejo silenciado e o estigma imposto leva inúmeros homossexuais a esconderijos de prazeres onde o clandestino e o proibido tornam-se a redenção sexual.

O universo homossexual foi, por décadas, construído por relações no silêncio (literalmente no escuro) e, ao mesmo tempo, silenciadas, compostas por meio de práticas subterrâneas enclausuradas no âmago do

privado, distantes do olhar público, nos espaços marginais e subalternos das cidades e das casas (PERLONGHER, 2008). Muitas dessas relações ocorriam, por isso, à deriva, entre sujeitos desconhecidos que ansiavam por “pegação” rápida e ágil (GREEN, 1999), os quais marcavam encontros nos mais variados lugares escondidos: banheiros (de rodoviárias e shopping centers, por exemplo), saunas, becos e praças, quase sempre durante à noite (PERLONGHER, 2008). Tais espaços, embora ainda muito frequentados, ganharam outros concorrentes que facilitaram esses “encontros às escondidas”: os aplicativos móveis de relacionamentos homoafetivos (mais comumente conhecidos como “aplicativos de pegação gay”).

É na fronteira entre o mundo on-line (espaço virtual) e o mundo off-line (espaço físico) que se encontra a dimensão das práticas e experiências cotidianas que compõe a cena social do mundo moderno, imersas em trânsitos e movimentos permanentes entre os diversos aspectos do multiculturalismo. Isso quer dizer que é no ciberespaço onde acontece a “materialização” de uma desterritorialização contínua do real, que afeta a maneira como lidamos com o tempo-espaço. Em outras palavras, o mundo virtual, especificamente a internet, tornou-se “um prato cheio para os famintos” por relações afetivo-erótico-sexuais, por causa da sua intensa difusão e infinitas potencialidades de encontrar parceiros sexuais virtuais que podem vir a se tornar físicos, adequados às fantasias individuais de cada indivíduo. Além disso, há a possibilidade de criação de vários papéis sociais (inclusive falsos), bem como certa garantia de anonimato e segurança nessas interações (SILVA, 2012).

Em decorrência disso, inúmeros sites e aplicativos de relacionamentos surgiram; dentre eles, redes sociais de paquera, cuja lógica de encontro aparenta ainda operar de maneira subterrânea, já que, em tais aplicativos, o usuário tem a opção de não se identificar, caso queira evitar represálias ou injúrias, mantendo-se no silenciamento, afinal, “em uma sociedade arraigada em valores heteronormativos, nem todo homem que se relaciona afetivo-sexualmente com outro homem se sente confortável em declarar publicamente suas práticas homossexuais ou autodenominar-se gay” (MEDEIROS, 2018, p. 14).

Dito isso, esse artigo objetiva averiguar como são construídas, por meio de discursos de autorrepresentação, as identidades dos usuários do aplicativo de relacionamentos Grindr, utilizado principalmente por homens gays (ou bissexuais), com a finalidade de marcar encontros. Busco, especificamente, analisar as representações que esses sujeitos

fazem de si mesmos e do outro em seus perfis virtuais, averiguando o confronto entre a escolha de certas identidades e o silenciamento de outras através das estratégias de negociações identitárias. A escolha desse aplicativo deu-se em razão ao seu intenso crescimento de usuários e pela expressiva popularidade que ele adquiriu no Brasil. Vale frisar que, no aplicativo em questão, os sujeitos, caso queiram, podem disponibilizar fotografias e informações básicas sobre si – como altura, peso, etnia, porte físico e preferências sexuais – para criar um tipo de “autoidentidade”. Para efetivo funcionamento, o Grindr opera segundo ferramentas de geolocalização, as quais fornecem a distância quase exata entre os sujeitos ali inseridos virtualmente.

O percurso metodológico utilizado para a análise dos dados busca romper com as fronteiras e limites disciplinares, em direção a uma perspectiva inter/trans/indisciplinar (MOITA LOPES, 2006). Amparo-me, para isso, nas perspectivas epistemológicas dos Estudos da Linguagem e da Teoria Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992; MOITA LOPES, 2002), dos Estudos Culturais e Antropológicos (BAUMAN, 2005; BHABHA, 2003; CANCLINI, 2011; CUCHE, 2002; HALL, 2006; SILVA, 2000; WOODWARD, 2000) e da Sociologia (BECKER, 2008; FOUCAULT, 1988; MISKOLCI, 2015; POLLAK, 1989).

### **PERCURSOS DE IDENTIDADES: CONCEITOS EM DES/RE/CONSTRUÇÃO**

Há algumas décadas, as identidades subjetivas não estavam nem perto de serem o centro dos nossos debates, permanecendo apenas como meditação filosófica. Atualmente, ela se tornou um dos temas que mais aparecem em evidência e estão em voga nos estudos sociais, linguísticos, geográficos, culturais, entre outros. Não podemos mais negar as fragmentações e desestabilizações das identidades, pois “uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente constituída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha” (BAUMAN, 2005, p. 60).

A trajetória dos indivíduos contemporâneos vem sendo caracterizada por desestabilizações, descontrole, descentralização, destradicionalização e vertigem perante as transformações culturais, políticas e econômicas (FABRÍCIO, 2006). As identidades não têm a solidez de uma rocha, nem são garantidas para toda a vida. Pelo contrário, são bastante negociáveis e revogáveis, e as próprias decisões dos indivíduos, os caminhos que eles percorrem e a maneira como agem são fatores cruciais para suas identidades (BAUMAN, 2005). Além disso,

as identidades nunca são homogêneas, mas cada vez mais fragmentadas; não são singulares, e sim multiplamente re/des/construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas (HALL, 2000).

Isso faz com que as identidades sejam negociáveis e manipuláveis: cada indivíduo tem consciência de ter uma identidade de forma variável, de acordo com as dimensões do grupo do qual faz parte e do contexto em que atua. Por isso, as identidades se tornam tão difíceis de serem delimitadas e definidas, especificamente em razão de seu caráter multidimensional, dinâmico, fluido e pouco rígido, além de estar em constante mutação (CUCHE, 2002).

Silva (2000) declara que as afirmações sobre identidade só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a *diferença*. Identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. Quando dizemos, por exemplo, “sou heterossexual”, parece que estamos fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. Contudo, nós só conseguimos e precisamos afirmar isso porque existem outros seres humanos que não são heterossexuais. Em sociedades imaginárias, totalmente homogêneas, onde todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam nenhum sentido. De certa forma, “é exatamente isto que ocorre com nossa identidade de ‘humanos’. É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que ‘somos humanos’” (WOODWARD, 2000, p. 75).

As identidades que construímos, dessa forma, têm relação com nossos papéis sociais, aqueles que assumimos ou deixamos de assumir (BERGER e LUCKMANN, 1985). Em uma sociedade de classes há mobilidade social, isto é, as pessoas podem mudar suas posições e, concomitantemente, suas identidades; as classes não são fixas e estáticas. Dessa maneira, há uma forte influência da sociedade em nossas constituições enquanto sujeitos: ela determina, em grande escala, o que somos. Enquanto sujeitos socioculturais, nós temos a capacidade de observar o contexto, analisar a situação e de selecionarmos um determinado papel social. Todo papel social acarreta certa identidade que julgamos constituir a essência de nossas personalidades. A identidade, contudo, é atribuída, sustentada, transformada e reconhecida socialmente, já que ela não é, de forma alguma, pré-existente. É negociada em atos de reconhecimento social, ou seja, também somos aquilo que os outros pensam que somos (BERGER e LUCKMANN, 1985).

Também não podemos deixar de explanar uma vertente de identidade sob a ótica da pós-modernidade: as construções das identidades como processos híbridos. As interconexões políticas, econômicas, linguísticas e culturais nos levam a pensar o sujeito como híbrido, um sujeito que se constitui em um contexto inter/transnacional e é interpelado por influências e discursos múltiplos. Canclini (2011) entende por *hibridação* os processos socioculturais em que antigas práticas que existiam individualmente se combinam para gerar novas estruturas. Assim, o autor critica a crença referente a de identidades “puras”, livres de processos de “misturas”. Contudo, não devemos achar que os processos de hibridação cultural e identitários são processos harmoniosos e coerentes, ao contrário, estão sempre em conflito, permeados por lutas ideológicas, as quais são sempre travadas por meio da linguagem, o veículo de materialização das identidades.

### **DISCURSOS IDENTITÁRIOS: LÍNGUA(GEM) E REPRESENTAÇÃO**

Além das identidades não existirem sem estarem em contraste com as diferenças, a alteridade (WOODWARD, 2000), elas também não existem fora do campo da linguagem. As identificações dependem de recursos simbólicos, envolve discursos e marcações de fronteiras: É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e de práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais um produto de marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída, de uma “identidade” em seu significado tradicional (HALL, 2006).

Para Rajagopalan (1998), as identidades dos indivíduos se constroem na língua e através dela, isso significa que o indivíduo não adquire uma identidade fora do campo da linguagem, ou seja, “a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41). Em outras palavras, língua e identidade possuem implicações mútuas. É, então, por meio da linguagem, da língua especificamente (e também através de outros construtos culturais como as roupas, danças entre outros), que os indivíduos constroem, formulam negociam e manipulam suas identidades.

Sarup (1996) constata que as identidades sociais são manifestadas através dos discursos: “embora a identidade possa ser construída de diversas formas, ela é sempre construída no simbólico, ou seja, na linguagem”. Para o autor, “a identidade é, de certa forma, um efeito das instituições sociais. Todas as identidades, sejam baseadas em classe social, etnia, religião ou nação, são construtos sociais” (SARUP, 1996, p. 48). É sempre dentro das representações que nos reconhecemos. Além disso, identidade está sempre relacionada ao que não se é – ao outro –, isto é, as afirmações sobre identidade só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a *diferença*. Identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência (SILVA, 2000). O “outro”, então, seria aquele que não sou eu, o sujeito que divide o espaço social comigo mas que, através de processos de identificação e estratégias de diferenciação, se separa da minha identidade, criando-se fronteiras que separam o “eu” e o “ele”, uma forma de criar e manter limites identitários (CUCHE, 2002). É por isso, então, que as identidades são formadas por representações, as quais, concomitantemente, são formadas pela linguagem.

As representações são entendidas como um construto que se dá via linguagem e que coloca em pauta e funcionamento um imaginário social a respeito da realidade. De acordo com Hall (2006), as representações constroem sentidos sobre os sujeitos e objetos, isto é, elas “são as palavras que usamos, as histórias que contamos acerca das coisas, as imagens que produzimos, as emoções que associamos às mesmas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, os valores que lhes damos” (HALL, 2006, p. 3).

Quando nos identificamos com um modelo de representação, assumimos uma determinada posição de identidade dentro de um contexto social específico. Por isso que as representações são construções discursivas que encaminham os sujeitos a certas posições de identidade nas diversas práticas sociais. Estes sujeitos desempenham, assim, papéis diferentes na vida social, isto é, dependendo de cada contexto, os indivíduos se posicionam de maneiras diferentes nas relações sociodiscursivas: eles são levados a assumir certas identidades segundo relações de poder vigente nesse contexto.

### **(HOMOS)SEXUALIDADES: IDENTIDADES PERSEGUIDAS**

Ao refletirmos sobre as identidades (homos)sexuais especificamente, devemos, em primeira instância, estar cientes do terreno escorregadio que



as cercam. Contudo, as referências aos conceitos primordiais sobre o tema não devem ser omitidas, sobretudo porque sabemos que as identidades não são dadas ou encontradas em determinado momento da vida de um indivíduo; pelo contrário, elas são (re)construídas, manipuladas, revogadas, muitas vezes silenciadas e até mesmo negociáveis quando necessário. Para Cucho (2002), as identidades podem ser negociáveis porque cada indivíduo integra, de maneira sintética, a pluralidade das referências, identificatórias que estão ligadas à sua história.

Cada sujeito tem consciência de ter uma identidade de forma variável, de acordo com as dimensões do grupo ao qual ele faz referência em tal ou tal situação relacional. Um mesmo indivíduo, desse modo, pode se identificar como heterossexual, bissexual ou homossexual dependendo do contexto e posição de fala, levando em consideração que as identidades funcionam como “bonecas russas” umas se encaixam nas outras (CUCHE, 2002), Afirmar que alguns sujeitos podem negociar suas identidades, no entanto, não significa dizer que tal negociação é construída de forma harmônica e sistemática, pelo contrário, muitas vezes elas se dão de maneira conflituosa e complexa. E com as identidades (homos)sexuais não poderia ser diferente.

Até dois séculos atrás, as práticas homossexuais eram consideradas sodomia, sendo um comportamento vergonhoso, ao qual qualquer pessoa poderia sucumbir. O homossexual (comumente designado como gay) passou a ser singularmente definido como um sujeito que fugia ao padrão vigente, conseqüentemente, uma nova categoria social no campo sexual, que viria a ser, primeiramente, reconhecida, depois rotulada e, por fim, estigmatizada, até chegar à classificação de “desvio da norma” (BERCKER, 2008). Os indivíduos que se encaixassem, ou fossem forçadamente encaixados nessa categoria, passaram a (con)viver na sociedade com seus desejos reprimidos e com suas práticas sexuais mantidas em segredo, tendo o medo como norte, obrigados a suportar as dores da segregação social (FOUCAULT, 1998).

Foram, sobretudo, as sexualidades feminina e homoafetiva, as mais prejudicadas pelas restrições e parâmetros do que seria considerado uma sexualidade normal/padrão a partir do século XIX. Foi um verdadeiro caça às bruxas – ou “caça às bichas” como diria Mariusso (2016) – quer dizer, perseguição a todas as práticas relacionadas ao sexo e à afetividade que fugiam aos valores morais (friso aqui, sobretudo, o valores religiosos judaico-cristãos): casamento entre o sujeito masculino e feminino; o sexo só depois do casamento (principalmente para as mulheres);

a condenação do sexo como fator de prazer e liberdade, e qualquer outro tipo de ato sexual que não servisse para procriação. Em suma, os desejos e práticas sexuais que se desviavam da norma heteronormativa e heterossexista foram rejeitados e perseguidos (MARIUSSO, 2016).

A afirmação foucaultiana de que a sexualidade se tornou, incontestavelmente, um dispositivo histórico de poder, desenvolvido pelas sociedades modernas ocidentais, é fundamental para compreendermos as identidades sexuais que se constroem nas representações culturais. Desconstruir a dualidade rígida do binarismo dos gêneros significa problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um, rompendo com as classificações de normalização do comportamento sexual (LOURO, 2004).

### **(IN)VISIBILIDADE SEXUAL E PRÁTICAS SUBTERRÂNEAS**

O multiculturalismo e o pluralismo cultural aprofundados direcionaram a sociedade, nos últimos anos, a uma descentralização das memórias oficiais coletivas para a tomada de poder das memórias e identidades subterrâneas (POLLAK, 1989), vistas por muito tempo como clandestinas, infames e envergonhadas. Em outras palavras, memórias e identidades que já foram silenciadas, reprimidas, e tratadas como proibidas por não se enquadrarem no conjunto de regras hegemônico (socio-historicamente imposto) agora parecem estar (res)surgindo, deixando de serem coibidas ao passarem a ser “desenterradas”, isso por meio do uso da linguagem, a qual funciona como partilha de significados e sistema de representações identitárias.

Nessa perspectiva, Pollak (1989, p. 11) afirma que “criminosos, prostitutas, vagabundos, ciganos e homossexuais tiveram suas vozes caladas na historiografia, não foram colocados nas ‘memórias enquadradas’”. Esses sujeitos seriam os quais Becker (2008) chamaria de “outsider”, ou desviante, isto é, aqueles que fogem às regras sociais, infratores que, pública ou secretamente, estão do lado de fora, para além das margens, das fronteiras ou dos limites impostos pelos detentores do poder.

Para Bhabha (2003), esses sujeitos não pertenceriam, então, aos “museus imaginários” que alguns grupos sociais majoritários criam, onde são escolhidas algumas peças para representar uma comunidade ou um povo, forçando a homogeneidade impossível, já que, segundo o autor, “nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro” (BHABHA, 2003, p. 65).

Concomitantemente a esses fatores, a visibilidade homossexual continuou a ser avaliada negativamente, compreendida como uma forma de deslocamento de gênero, sobretudo quando evidenciada publicamente. A visibilidade, aquela tomada como padrão, é uma noção que busca sintetizar a maneira como uma sociedade confere reconhecimento e busca escancarar certos relacionamentos amorosos, enquanto, ao mesmo tempo, coíbe outras maneiras de se relacionar através de prescrições morais, mantendo outras formas amorosas e sexuais (as “desviantes” e “proibidas”) em relativa invisibilidade, no subterrâneo, silenciando seus praticantes, ou seja, a sexualidade passa a ser controlada e vigiada (FOUCAULT, 1988).

Segundo Miskolci (2015), a visibilidade traduz uma relação de poder sofisticada, pois não se baseia em proibições diretas. Para o autor, o regime de visibilidade não pode ser avaliado apenas de maneira positiva, tampouco denotando uma exposição pública generalizada das homossexualidades na vida social cotidiana. Ao contrário, o que aconteceu é que houve a eleição de uma forma “correta” de se tornar visível, vinculada à circulação de representações estereotípicas sobretudo propagadas pelas mídias, na qual algumas identidades passaram a ser mais reconhecidas, visíveis, e se tornaram modelares enquanto outras foram relegadas ao repreensível, mesmo não sendo necessariamente invisibilizadas e silenciadas.

A contenção dos sentimentos e a economia da visibilidade tornam-se saídas para que o preconceito, o ódio, a repulsa e exclusão “do outro” não sejam resultados para os desejos homoeróticos assumidos do “eu”. Isso acontece porque a visibilidade sexual mantém hierarquias, com escopos e perfis de reconhecimento que vão dos mais aceitos socialmente (os heterossexuais, especialmente os de pares monogâmicos com filhos, por exemplo), passando por aqueles que começaram a negociar sua visibilidade (como gays e lésbicas socioeconomicamente privilegiadas) até os que foram mantidos ou relegados à abjeção (como travestis, transsexuais e transgêneros).

Vale ressaltar, ainda, que o grande desafio dos estudos sociológicos sobre (homos)sexualidade é buscar entender como são construídas essas identidades sexuais, é necessário “admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira” (LOURO, 2004, p. 28).

### POR DENTRO DO GRINDR, ABRINDO PERFIS...

Na atualidade, o Grindr é considerado a rede social mais popular entre a comunidade gay, são mais de 5 milhões de usuários em 192 países (MEDEIROS, 2018). O sucesso do aplicativo deu-se, principalmente, pela facilidade que homens homossexuais e bissexuais encontraram para conhecerem outros homens, para diferentes propósitos, seja para amizade, namoro, encontros casuais, “pegação” ou apenas “relação sexual sem compromisso”. Frente aos seus concorrentes virtuais (como Hornet, Scruff ou Tinder), o Grindr se diferencia por estar no mercado há mais tempo e, por isso, possuir mais perfis cadastrados e ativos. Ele é uma rede social para *smartphones* e *tablets* baseada em georreferenciamento ou geolocalização, ou seja, mostra a distância praticamente exata, em metros e quilômetros, dos outros usuários próximos que também possuem o aplicativo.

Fig. 1: Logomarca do Grindr

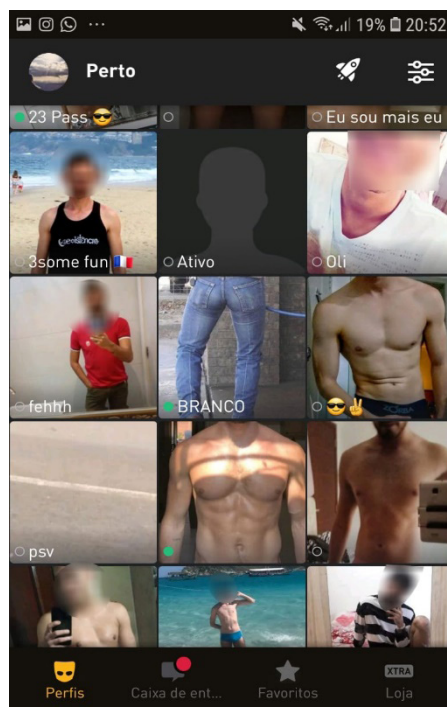


Fonte: Print screen do aplicativo no sistema operacional Android.

Com a crescimento das mídias digitais interativas, a vida sexual “desviante” deixou de estar apenas no “armário” (espaço físico) e passou também à clandestinidade dos aplicativos de relacionamentos (espaço virtual). Ao abrirmos o Grindr, um novo mundo é revelado. Cada usuário, cada indivíduo que ali se encontra, tem a possibilidade de performatizar a vida cotidiana em diversos “eus”, isto é, formular diferentes identidades, construindo e moldando um perfil com discursos (imagéticos e textuais) sobre si, às vezes manipulando suas próprias representações. E não são apenas os textos verbais de perfil que constroem essas representações, mas também os recortes das fotografias postadas. Basta dar uma rápida

olhada nos perfis do Grindr para encontrarmos dezenas de fotos em que o corpo passa a ser o “cartão de visitas”, já que, obviamente, é ele o responsável em causar a primeira impressão (LE BRETON, 2006).

Fig. 2: Interface do Grindr



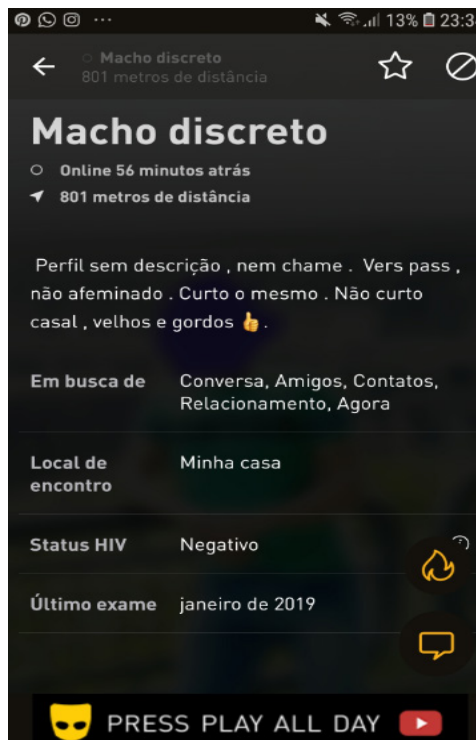
Fonte: Print screen do aplicativo no sistema operacional Android.

São barrigas saradas, peitorais musculosos, cenários de academia de musculação, sorrisos de capa de revista, cabelos e barba de ator de novela, um verdadeiro “culto ao corpo”, um endeusamento dos músculos, resultado de mecanismos midiáticos que pregam a supervalorização do corpo e sua fortificação (LE BRETON, 2006). Todavia são poucos os usuários que optam por mostrar o rosto, possivelmente para manter o anonimato (silenciar-se e invisibilizar-se), já que “a face é a visualidade que apresenta os traços pessoais, por meio da qual é possível identificar uma pessoa. A questão é que ainda poucos usuários desejam ser reconhecidos como homens que têm práticas homossexuais” (MEDEIROS, 2018, p. 57). Por outro lado, segundo Alencar (2017, p.89), “em um contexto de busca de parceiros para encontro, a aparência facial

parece não importar tanto; o corpo (torso, abdômen, braços), contudo, é o foco dessa empreitada”.

Além das imagens, as quais parecem conotar e até mesmo denotar o erotismo e o desejo sexual, os textos verbais dos perfis apontam para as mais variadas solicitações dos usuários: “busco caras discretos”; “não curto gordinhos e afeminados”; “só falo com passivos”; “se for urso nem me chame”; “sem foto, sem conversa”. Em muitas das descrições, percebe-se a preferência por homens “não afeminados, discretos e magros”, como percebemos neste perfil:

**Fig. 3:** Interface do Grindr



**Fonte:** Print screen do aplicativo no sistema operacional Android.

O dono do perfil autodenomina-se “Macho discreto”. Afirma não curtir “afeminados, casais, velhos e gordos”. A efeminação masculina parece ser uma das maiores rejeições entre os usuários do aplicativo. Ela parece estar diretamente associada à homossexualidade, isto é, aquele que não se comporta como “macho viril”, e foge aos padrões

sociais masculinos, supostamente seria gay. Green (1999) defende que ainda estamos presos no sistema binário de categorias de gênero, heterossexualmente orientado, no qual, obrigatoriamente, sempre existe um homem e uma mulher, mesmo na relação homoerótica. Como afirma Alencar (2017, p. 71):

[...] a adesão de um comportamento efeminado para um homem é a negação do direito que ele historicamente adquiriu de ser um agente. É a assunção de uma submissão que se faz presente no domínio social e sexual, resultando numa abjeção àquele que adota atitudes não masculinizadas. Por fim, é o repúdio a tudo aquilo que não é normatizado, à fuga ao “normal”, à exposição de um grupo de pessoas que não deseja ser exposta por ter sofrido com o estigma, mas que também não pretende lutar por essa desconstrução.

Percebemos, assim, a reafirmação da identidade masculina (da figura do homem viril), em detrimento à identidade feminina (da figura da mulher delicada), como aspecto positivo e superior, reforçando a própria dominação de gênero, com a heteronormatividade e a misoginia. Ou seja, “O signo ‘macho’ é então a expressão do ‘gay mais valorizado’ (‘nem parece gay’), separando o ‘homem que beija homem’ da ‘bicha louca’ – um entendido como ‘normal’ e ‘masculino’ e o outro como ‘patológico’ e ‘feminino’” (GROHMANN, 2016, p. 75).

As identidades associadas ao feminino, ao senil, à poligamia e à obesidade são desaprovadas pelo usuário, o qual utiliza o eufemismo “não curto” para a cristalização de preconceitos históricos que se normalizam por meio da linguagem, uma “normalização discursiva” (FOUCAULT, 2002), que acaba por classificar alguns sujeitos como “naturais” e “normais” e outros como “desviantes” e “patológicos”. É na e por meio da linguagem, então, que as representações do outro, e de si mesmo, se constroem; é através do discurso, verbais e não-verbais, dos ditos e não ditos, do explícito e do implícito, que as identidades vão sendo (re)formuladas.

Para Fairclough (1992), a linguagem e o discurso são práticas sociais, maneiras que os indivíduos de agir sobre a sociedade na qual estão inseridos e sobre os outros indivíduos com os quais convivem. Língua e discurso estão sempre ligados a processos de identificação social

dos grupos que os utilizam. Sendo a linguagem prática social, podemos afirmar que o conjunto das ações sociais constitui uma ordem social, que é regida pela ordem do discurso, esta, por sua vez, é regida por relações de poder (FOUCAULT, 2002). Tais relações estão intimamente ligadas às ideologias discursivas (FAIRCLOUGH, 1992), ou seja, as categorias linguagem, poder e ideologia não podem ser analisadas dissociadamente. Não julgamos uma língua, por exemplo, sem levarmos em consideração os seus falantes e o contexto social, político, histórico e cultural no qual eles estão inseridos. É no e pelo discurso, então – este materializado na linguagem e formulado por práticas sociais mantidas relações ideológicas –que as representações se materializam, criando muitas vezes estratégias de segregação e silenciamento, as quais acabam por produzir e reproduzir identidades subterrâneas (POLLAK, 1989), clandestinas e desviantes (BECKER, 2008).

Muitos dos discursos presentes nos perfis pesquisados apontam para a negatização da afeminação, já que tal característica estaria “traindo” a masculinidade hegemônica, aproximando o homem biológico ao feminino, o que seria uma apostasia ao “privilegio de ser homem”:

Fig. 4: Interface do Grindr



Fonte: Print screen do aplicativo no sistema operacional Android.



Fig. 5: Interface do Grindr



Fonte: Print screen do aplicativo no sistema operacional Android.

Tanto “Thiago23cm36” quanto “Antonny35” afirmam não gostarem de homens afeminados. Antonny35 toma a afeminação como sinônimo de “homem que se parece com mulher”. Além disso, alega “não curtir” práticas sexuais com menores de idade e não gostar de “caras que se acham”. Já Thiago23cm36 afirma ser bissexual ativo e gostar de “socar” (um termo muito comum utilizado nos aplicativos de relacionamentos para designar virilidade, varonilidade e brutalidade na prática sexual), sempre de forma segura (certamente referência ao uso de preservativo). Também pede aos usuários que por ele se interessarem, que mandem “foto de rosto sem óculos e boné”.

Interessante é observar nos discursos a maneira como “o parecer mulher”, a proximidade com o feminino, torna-se uma característica negativa para a maior parte dos usuários do aplicativo. Essa concepção, segundo Alencar (2017, p. 74), é “proveniente de uma cultura sexista que inferioriza o papel da mulher (nesse caso, o de receptora ou de penetrada

na relação sexual) e que toma o comportamento gay masculinizado como “menos pior”. Nesse sentido, o “parecer homem” seria um privilégio entre os homossexuais, já que às mulheres lhes foi dada a posição de silenciamento e subalternidade, isso porque, apesar das intensas lutas feministas ocorridas no século XX para as ressignificações das representações femininas (MISKOLCI, 2015), as mulheres foram, por séculos, excluídas das tomadas de decisões e nos espaços públicos, o que fez com que fossem silenciadas e reprimidas, por meio de um sistema falocêntrico-patriarcal (PERLONGHER, 2008), nas relações sociais de gênero (GREEN, 1999). Aos homens, pelo contrário, coube os *status quo* de detentores do comércio, da produção, das políticas, do lar e até mesmo da própria mulher (WOODWARD, 2000).

Laqueur (2001) aponta que, na Idade Média, havia um único modelo ideal de corpo: o masculino. Na época, não existiam termos para a designação do órgão sexual feminino, pois acreditava-se que ele era apenas a “falta do membro sexual masculino”, o pênis que não estava ali; era como se a genitália da mulher não houvesse se desenvolvido adequadamente e, por isso, enrustira-se, voltando-se para dentro, o conhecido “modelo de sexo único”. A mulher era um homem invertido, por isso imperfeita e inferior. Assim como na história bíblica de Gênesis, a figura feminina origina-se do homem, este sim fisicamente perfeito. Desde então, estabeleceu-se e perpetuou-se a supremacia corporal masculina e, concomitantemente, a rejeição por todos os corpos que não são masculinizados (LAQUEUR, 2001).

As descrições dos perfis de “Thiago23cm36” e “Antony35” almejam autoafirmá-los como portadores de masculinidades estritamente ligadas à virilidade e à varonilidade, pois partem de uma cadeia de adjetivos que tentam posicioná-los em identidades masculinizadas. Para Green (1999), na separação bipolarizada dos papéis sexuais (ativo e passivo), a passividade sempre esteve ligada à afeminação.

A preocupação em autoafirmar-se e autorrepresentar-se, por meio da linguagem, como portador de masculinidades é uma questão estritamente ligada à virilidade (“não curto afeminados” / “23cm”), à brutalidade (“curto meter socar”) e à hombridade (“seja gay mais seja homem”). Os sujeitos analisados deixam transparecer em seus discursos, por meio de escolhas lexicais que revelam uma grande preocupação em autodefinir-se como “machos” (“sou bi ativo” / “se que quiser uma mulher eu procuro uma mulher e não um homem que parece uma mulher”), a rejeição por identidades homossexuais que se aproximem

à efeminação, o que Cuche (2002) classificaria como identidades negativas. Para o autor, as identidades negativas são originadas através de representações estigmatizadoras e discriminatórias que os sujeitos constroem no discurso. O sujeito que decide aceitar tal identidade, assumindo-a (isso quando o indivíduo tem a possibilidade de escolha dessa identidade), é tido como diferente das referências dominantes e passa a se reconhecer (ou passam a reconhecê-lo) como inferior, infame, ao passo que interioriza a identidade que lhe é imposta pelos outros, passando a ter vergonha e rejeição pela mesma.

Percebe-se, nesse sentido, a possibilidade de se adotar (aceitar) certas representações identitárias em detrimento (menosprezo) de outras. Essas inúmeras maneiras de se escolher e revogar as identidades, em um incessante movimento de construção, desconstrução e reconstrução, são “estratégias identitárias” (CUCHE, 2002) que nos permitem aderir, rejeitar ou relativizar as identidades que escolhemos ou que nos são “impostas”. Indivíduos ou grupos sociais, ao avaliar determinada situação, podem utilizar-se dos recursos de representação identitária estrategicamente. Vale ressaltar, todavia, que a elaboração de tais estratégias, construídas discursivamente nas interações sociais, não significa que os indivíduos são livres e que possuem sempre autonomia para a definição de suas próprias identidades; pelo contrário, essas negociações estão relacionadas à situação social e aos atores sociais envolvidos (HALL, 2000). Por isso que as estratégias de identidades estão sempre associadas às relações de ideologia e poder; há sempre uma hierarquização que estabelece quem pode representar, catalogar, rotular e identificar mais facilmente do que outros.

### **LOGOFF...**

“Não sou”, “não curto”, “não rola”, “discreto”, “sigiloso”, “reservado”, “macho”, “malhado”. Observamos nesses discursos autorrepresentativos a busca pelo silenciamento, e às vezes até mesmo a negação, de uma identidade homossexual por meio da (re)afirmação da masculinidade hegemônica, da heteronormatividade, sobretudo de aspectos relacionados à voz e ao corpo masculino.

Percebe-se nos perfis analisados a reiteração do “ser masculino” como identidade positiva, a qual deveria ser valorizada, ao mesmo tempo em que a identidade gay passa a ser motivo de vergonha

e subalternidade, sobretudo quando ela possui representações e performances que se relacionam à afeminação, ao “parecer mulher”. A dominação masculina se exercita nos discursos heteronormativos reproduzidos em aplicativos de dispositivos móveis e desperta a misoginia nestas relações virtuais. Com o surgimento de novas tecnologias, sobretudo das redes sociais, ficou ainda mais escancarada a aversão à efeminação, concomitantemente ao feminino, criando e propagando o que Richardson (2009) chamou de “efeminofobia entre homens”, os quais tentam se adequar a uma masculinidade hegemônica por meio de discursos de heteronormatividade.

Por medo de sofrerem preconceitos, represálias e segregações sociais, muitos gays e bissexuais utilizam o espaço cibernético como esconderijo (um armário virtual) para seus relacionamentos homoafetivos e suas práticas sexuais, isso porque o ciberespaço, através do profundo processo globalizatório, oportunizou o crescimento, e também a criação, de novos ambientes capazes de alterar e intensificar as relações humanas, dividindo espaços com banheiros, becos, saunas e praças públicas.

Percebemos, nesse sentido, que muitos dos usuários do *Grindr* buscam reprimir-se e portar uma conduta de silenciamento e sigilo, conduta esta oriunda de processos de regulação e controle para a normatização da via que habilita a direção exclusiva da sexualidade e do gênero para o modelo heterossexual dominante. O armário passa a ser, então, o lugar mais seguro para esses sujeitos desviantes, e suas práticas (homos)sexuais são melhores aceitas subterraneamente.

A casa da sexualidade tem como anfitriã a já conhecida e antiga “heteronormatividade misógina”, a qual aceita abrir a sua porta para a “homossexualidade”, contanto que se pareça com a própria dona da casa. Essa visita inesperada (quase uma penetra) precisa maquiarse e performatizar-se para que seja bem-vinda, ainda que, muitas vezes, só entre pela porta dos fundos; deve colocar sua melhor roupa heteronormativa e seu perfume masculinizado para “sair do armário” da sua casa e ser aceita na propriedade da virtuosa vizinha. Quem não quer ser expulso da casa da Senhora Sexualidade e voltar para o seu armário particular, precisa entender que ela abomina tudo o que não se pareça com o “sagrado masculino”.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Venan Lucas de Oliveira. **Aplicativos de Encontros Gays**: traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte. 130 páginas. Ano: 2017. Dissertação de Mestrado – Belo Horizonte/UFMG.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECKER, Howard. **Outsiders**: Estudos de Sociologia do Desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London, New York: Gongman, 1992.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Homossexualidade e Educação Sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina: Ed. UEL, 2007.

FLACH, Roberta Matassoli Duran. Abuso digital ou prova de amor? O uso de aplicativos de controle/monitoramento nos relacionamentos afetivo-sexuais. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 32, p. 1-14, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

GREEN, James. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: EdUNESP, 1999.

GROHMANN, Rafael. Não sou/ não curto: sentidos circulantes nos discursos de apresentação do aplicativo *Grindr*. **Revista Sessões do Imaginário**. v. 21. n. 35. 2016. p. 71-79.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomás Tadeu da Silva.

Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LASH, Scott. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. (orgs.). **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARIUSSO, Victor Hugo Silva Gomes. **Caça às Bruxas Bichas: homossexualidade e violência no Brasil contemporâneo**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016.

MEDEIROS, Ettore Stefani de. **Textos Verbo-visuais de homens que se relacionam afetivosexualmente com homens: Te(n)sões entre Masculinidades no Aplicativo Grindr**. 156 páginas. Ano: 2018. Dissertação de Mestrado – Belo Horizonte/UFMG.

MISKOLCI, Richard. Discreto e fora do meio: notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 20, n. 44, p. 45-68, 2015.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Ines. (org.). **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

SARUP, Madan. **Identity, Culture and the Postmodern World**. Athens, GA: University of Georgia Press, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz

Tadeu da. (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

VERTOVEC, Steven. Super-diversity and its implications: ethnic and racial studies. New York: Gongman, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Recebido em: 24/05/2020

Aceite em: 26/11/2020